



## O BALANÇAR DO MANTO

### THE SWINGING OF THE MANTLE

Sofia Gentil Mussolin

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil  
sofiagmussolin@gmail.com

#### Resumo

A investigação do ser que busca conduz meu processo artístico para o deslocamento, o equilíbrio pelo movimento permanente. Dispondo meu corpo na deriva de caronas por paisagens desérticas em solidão, que elucidou a percepção das linhas invisíveis que sustentam o ser social. Um caminho que abriu o trânsito entre pele-imensidão íntima de Bachelard e o processo de criação constante a cada passo dado, sintoma das linhas afrouxadas, legitimando as possibilidades exploradas nas fotografias performáticas na série de “Mundo-Solidão”. O contágio do humano com a paisagem desdobrou a questão para a pele-externo. Com Anette Arlander dando voz ao ambiente, elaboro meu manto vivo feito em biofilme (SCOBY), uma celulose produzida por colônia de microorganismos. Performo no cultivo deste tecido que me faz habitante de sua morte e observadora, que dá voz para um deslocamento no microcosmos e sua expansão visível do universo caótico, equilíbrio procurado pelo indivíduo social. Um reproduzidor imagético do encontro interno-externo que me questiona dos meus próprios saberes incorporados. Como ficar entre-cosmos?

**Palavras-chave:** deslocamento; fotoperformance; encontro; biofilme.

#### Abstract

The investigation of the been who seeking is the conductor of my artistic process in the displacement, the balance through the permanent movement. Arranging my body in the drift of hitchhikers through desert landscapes in solitude, that elucidated the perception of the invisible lines that sustain the social being. A path that opened the way between Bachelard's intimate immensity-skin and the process of constant creation at every step, a symptom of the loosened lines, legitimizing the possibilities explored in the performance photographs in the “World-Solitude” series. The contagion of the human with the landscape unfolded the question to the outer-skin. With Anette Arlander giving voice to the environment, I elaborate my living mantle made in biofilm (SCOBY), a cellulose produced by a colony of microorganisms. I perform in the cultivation of this tissue that makes me inhabitant of his death and an observer, that gives voice to a displacement in the microcosm and its visible expansion of the chaotic universe, the equilibrium sought by the social individual. An imaginary reproducer of the internal-external encounter that questions me of my own embodied knowledge. How to stay between-cosmos?

**Keywords:** displacement; photoperformance; encounter; biofilm.

## Introdução

A fronteira fatídica que separa um buraco negro do resto do universo é chamada de horizonte de eventos<sup>1</sup> - que estica o tempo em seu limite e converte até mesmo a luz, na qual, pela força extrema da gravidade, sua própria massa se destrói. Esse vão é a cerne impulsionadora, o limite do estar e não estar, a potência do primeiro passo ao sair da zona de conforto, o ponto de não-retorno. No limite de tocar o horizonte de eventos, a volta já não é mais possível. É o pulo no abismo, a primeira carona no meio da estrada, o estado de pele.

Sou o pulo, a carona e a pele, o ser que está em movimento, fervendo, no meio. Me propus a estar sozinha no entre sem perceber no quase envolver pela ausência total, sem um fim. E experienciei a suspensão do meu ser, em que o caminhar para fora do caroço-casa me presenteou com a potência do acontecimento, “O acontecimento não é o que acontece - acidente - ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera” (DELEUZE, 1974, p.152), uma dor e felicidade do estado sublime, o desacordo entre razão e sensação, pensando na reprodução que requer certo distanciamento para contemplação.

Como método de investigação, anotava no caderno de bordo, das primeiras anotações em 2014: perdi o livro e ele queimou o pé. As anotações, a ausência do livro perdido e a cicatriz do pé queimado são as sedimentações de um caminho andado, de uma deriva constante permitida pelo não conhecer, que Guy Debord explicita em Teoria da Deriva como quebrar fronteiras porque simplesmente elas não existem. Cicatrizes que remetem ao meu próprio processo de individuação<sup>2</sup> aqui aplicada a leitura de Simondon por Deleuze, de um acesso à sensação exploradora, um desconforto potente de quem gosta do acaso, que tem a propriedade do acontecimento.

Não que eu não possa redescobrir partes invisíveis de lugares já habitados por mim. Posso, mas não posso. Para sair de mim, acesso a febre do corpo e terra, nesse estado alarmante e inconstante de alucinações. Percebendo o mundo no macro e no microcosmos, gerado pelo estado de presença, que dá ao espaço de imensidão evidente da paisagem uma ativação da profundidade íntima. Ao performar na terra e me transformar por ela, acontece o encontro do duo íntimo-mundo, da pele como limiar em diálogo para expandir. Ativo minha escuta pela elaboração de uma pele-manto através da ação dos microorganismos, numa amostragem da minha interferência como movimento pela busca do equilíbrio, a investigação de como me manter nele.

<sup>1</sup> COSMOS: A Spacetime Odyssey, primeira temporada, ep.4, A Sky Full of Ghosts. Criação Ann Druyan e Steven Soter. Media Rights Fox; National Geographic Channel, 2014. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 20 jan. 2018.

<sup>2</sup> [...] Simondon não quer ater-se a uma determinação biológica da individuação, mas precisar níveis cada vez mais complexos: há uma individuação propriamente psíquica, que surge quando as funções vitais já não bastam para resolver os problemas postos ao vivente, e quando uma nova carga de realidade pré-individual é mobilizada numa nova problemática, em um novo processo de solução. E o psiquismo, por sua vez, abre-se a um coletivo trans-individual. (DELEUZE, 2006, p.120).



## Deriva externa, movimento interno

Quando estou confortável, sei que é a hora de voltar a caminhar. Foi a frase que ouvi dita em meio espanhol-francês-português de um dos encontros que o nomadismo me proporcionou, configurando em mim a relação descrita por Debord ao vincular deriva aos efeitos da natureza psicogeográfica, o termo que qualifica como o ambiente geográfico atua sobre as emoções e comportamento dos indivíduos e a afirmação de um hábito lúdico-construtivo como diferentes de uma viagem e passeio. Uma técnica ininterrupta por diversos ambientes, numa renúncia dos motivos para deslocamento e atuação nas relações. Um se deixar levar pelas solicitações do terreno e dos encontros, que foge dos situacionistas, que andavam para objetivo de reconhecimento, na apreensão profunda da cidade. Ando pelo andar, na deriva como ensaio, como Artur Barrio andou 4 dias e 4 noites pelo Rio de Janeiro e produziu um caderno de silêncios<sup>3</sup>, que para ele significou uma descoberta da realidade do corpo. No meu trajeto, me vejo em silêncio, mantendo a respiração para caminhar e o foco para manter o equilíbrio, no reconhecer limite dentro-fora e pele como intermediadora, mas na admiração pelo que eu não conheço.

Do me construir como sujeito, recorro viagens em família, na qual era excepcional estar à deriva e nada reconhecer, me deixando por observar o mundo a partir das pernas dos meus pais. As linhas de força que operam através de nós, da sociedade que nos molda e já está estabelecida quando nascemos, me fizeram afastar essa dança com o espaço, celebrada logo quando desatei a cortar linhas alheias e construir eu mesma minha rede. Percorrer por querer percorrer, um ser em suspensão. Um cuidado de si<sup>4</sup>. E por esse estado nômade suspenso, Deleuze e Guatarri revelam o sentido de não ter pontos, trajetos, nem terra, embora os tenha.

Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois, como no imigrante, nem em outra coisa, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade encontra aí um território.

Portanto, um ser sem bordas, desbordada. Com as pernas e braços mais longos capazes de serem vistos, as prolongações que alcançam mais fundo a natureza, como a comparação que Flusser usa para denominar os instrumentos criados para prolongar os órgãos mais externos - das mãos a enxada, a flecha, por exemplo - e essa minha jornada de ser e me usar para explorar,

<sup>3</sup> Artur Barrio, 4 Dias/4 Noites – Trabalho processo, fornece pistas para compreender em que direções seu trabalho caminha na adoção das estratégias de um processo sensorial ‘fluído, líquido’: esse trabalho não deixa de ser um radical mergulho ao avesso, um lançar-se para fora de si numa aventura temporal pela cidade.

<sup>4</sup> O cuidado de si designaria, portanto, um princípio de inquietação capaz de perturbar, de pôr o sujeito em movimento (...). O que está em questão não é revelar/decifrar a verdade do sujeito, mas decidir o que fazer com o que se é e como realizar o que se é. A finalidade é evidenciar formas de exercício da liberdade. Saber, simplesmente, que sempre podemos ser outros; podemos estranhar nossas figuras atuais. (Alexandre Simão de Freitas, Michel Foucault e o “cuidado de si”: a invenção de formas de vida resistentes na educação p. 179)

recriando um vínculo perdido como ser urbano, na qual as ferramentas proporcionadas pela evolução tecnológica consequentemente nos afastou dessa ancestralidade-terra. Entendo assim o nome diário de bordo por me sentir mareada, num barco que faz seu próprio trajeto. O ser desterritorializado que vagueia se torna potente por ser um ponto caminhante, não uma linha. Em deriva. Por isso ainda não me cabe falar exatamente em desvios, como Jacopo Visconti<sup>5</sup>, que ao falar sobre derivas pessoais e abertas à essa troca de percurso, na própria deriva como ensaio, em processo. A minha sincronicidade de início é com o nadar em ondas sem nome, com a potência da flor que nasce fora do jardim, da troca com a duna que afunda meus pés, ganhar uma echarpe para me proteger de uma possível tempestade de areia, do não saber qual caminhão vai encostar na BR - não gesto isso como desvio, porque para saber que é uma mudança de rota, de princípio é necessário tê-la desenhada.

O movimento seria uma expressão da própria alma, na teoria do mover-se de Balzac, um estudo do movimento dos Parisienses que passavam diante dele enquanto observava em um café. Assim faço correlata, ao observar a linguagem do meu mover como códigos para destrancar o íntimo, uma maneira similar de entender o entre das ações, o silêncio entre notas que nos fazer perceber a melodia, como nos elucidou John Cage em sua música de espaços. Tanto escrita como música exploram espaços vazios, como alguns textos do artista em que ele escreve como partitura musical, e em outras de suas obras musicais, as pausas, respirações e qualquer outro barulho ressonante que compõe sua linguagem. A busca por gestar na falha. E eu somo dizendo que derivar também. Um deslocamento sensível buscado por Cage para desequilibrar a procura de sentido na linearidade é por mim feita em derivas. Como ele, é o inacabado que age, o resquício que deixo para ser multiplicado em sentidos que não são mais meus.

Dos primeiros passos e iniciações na vida, é difícil termos consciência da soma de processos que nos compõe. Tomada pela imensidão íntima, “que está presa nessa expansão do ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que volta de novo na solidão” (BACHELARD, 1993, p.317). E nesse desatar, o ser artista-explorador é como Nelson Félix quando correlaciona a concentração ao estado solitário, uma maneira de meditação no contato com o vazio de uma mente abstrata, também proveniente do mover-se como fazer, com a natureza sem dimensão. Mas a própria não-trilha do explorador, aqui como um eu-mulher, é um moldar pelo desmoldar. Na comunidade, que depende de uma continuidade, a mulher com a identidade de um ser social na caçada existencial se depara com limites não precisamente falados, mas materializados pela convivência em grupo. Um ser só já em constituição. Assim também é durante a viagem sozinha, no qual pedir carona na estrada, atravessar um rio de barco ou apenas o signo de estar só em uma cidade é visto como não natural. Nosso espaço é reduzido e consequentemente a busca, por isso a quebra de paradigma é imprescindível para que o movimentar não se limite. A ruptura é

<sup>5</sup> Novas Derivas, Jacopo Visconti, tese defendida pelo autor na FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) – USP e se apoia na pesquisa da forma artística recorrente desde a década de 1960 do ato de andar, numa reflexão acerca de diversos artistas e suas derivas.

extremamente importante para um novo conjunto de práticas e a solidão é parte desse vão que se abre. A dor somatizada no osso de quando não ando e me implora o caminhar, com essa quase repulsa à ideia de pertencimento.

Ou abandonar meu velho ninho, como Bachelard se refere ao descrever a morada, exigente de ação criadora e iniciativa de produção, juntar partes e formar ao nosso desejo. Então me coloco em trânsito, na minha concha, a casa orgânica que se constrói pela medida do meu crescimento. Minha própria pele, meu manto. No nomadismo, em viagem, aprendemos a habitar em nós mesmos. Me conecto e me abrijo no amparo da casa interior. A minha casa de raízes cósmicas, agora fundamentada por Henri Bosco (BOSCO, 1954 *apud* BACHELARD, 1993), onde me permito levitar do mais profundo até o céu habitável. Uma isca para cutucar o interno do mover em solidão, daquilo que me induz a partir e rachar, também tem do que me incita em saber para o que voltar.

Trago no tatear das minhas raízes os caroços crepusculares. Aqueles que morrem ao final do dia. A cicatriz da dor queimada, do corte da pedra ou do calo criado, são caroços antigos de um monumento imaginal do passar, uma voz à paisagem andada. Os caroços de todos os meus eus estão andarilhando comigo, na capacidade humana de identificar-se com o espaço e ser o espaço onde está, nesse suporte terra onde me movo e que sou parte integrante e unida desse manto de fina pele do planeta.

### **Ouvir a paisagem, registro do manto-externo**

Na virada pós-moderna do conceito de escultura, o campo ampliado permeia a explicação inicial de que aquilo que se forma pela sombra também é uma definição, ou seja, a própria noção de silêncio como música de John Cage ou nas caminhadas de Richard Long transportando ressignificações de escultura e organicidade entre museu e natureza na Land Art, aquela que se externaliza na terra. Assim como o devaneio do deserto ou da floresta, essas paisagens que reinam no imaginal são por mim vivenciadas em explorações sem rumo que possibilitam o entrelaçar dos caroços, cavando mais fundo e delineando o encontro pelo mover, a latência de aproximação com outros pontos potentes pelo caminho. Essa profundidade quando acessada pela grande solidão tornam o limiar do buraco negro no meu-aqui, tudo é convertido, se toca, se confunde. “O humano pode habitar e é habitado de inúmeras presenças, na consciência da existência” (BACHELARD, 1978, p. 329).

Andando no manto terrestre em incêndio, envolta por um manto permeável. O cheiro da fumaça do fogo. As bruxas queimadas que ainda estão presentes nas nossas narinas, que Stengers enraíza como estado ancestral feminino. Do que gera força, transforma átomos em moléculas, capazes de recordação conjunta. Do indivíduo isolado que gera significado para ele mesmo, mas para gerar para o mundo, precisa se expandir, conseguindo fazer isso libertando



suas veias para o espaço e para as outras pessoas, soltando as bruxas. A partir disso, estar em roda é um mover-se pela história. E a história é feita escrevendo, nesse devir. Como agir diante do ser artista-explorador? Como mostrar o cheiro desse passado internalizado? Essas moléculas invisíveis mas condutoras de tantos sentidos.

Anette Arlander em *Performing Landscapes* elucida ao citar que se coloca como condutora do vídeo, som ou texto para dar voz à algum elemento da paisagem, num desafio de expandir e explicitar a perspectiva do encontro em direção à algo mais. Em uma de suas intenções de dar voz à paisagem - que agora são terra-viva por ações vulcânicas - tem a experiência do caos controlado, onde escolheu performar com uma echarpe branca pelo vapor, água sulfurosa de ondulações também brancas, vindo da terra, concebendo que as relações que a arte estabelece entre o corpo vivo, as forças do universo e a criação do futuro são as novas maneiras de pensar sobre a arte e as forças que transformam, indiretamente, novas maneiras de pensar a política. Vinculando Elisabeth Grosz de seu *Caos, Teoria e Arte* além de Deleuze e Guatarri, em que é possível pensar no meu próprio manto como provocação lançada pelas forças da terra, uma cosmologia do caos pela indeterminação material e orgânica.

O questionamento interno e externo estão diretamente relacionados com a maneira de interpretação dessas vivências e suas conexões, por isso procurar no mover-imóvel do obturador em mundos-possíveis, de Anne Cauquelin, a “via de escape do único mundo que realmente existe” que nos ofereceria uma “pluralidade de pontos de vista” (CAUQUELIN, 2011, p. 69). A ficção aliada a realidade como a capacidade de imaginar e investigar na ausência do objeto artístico, o não musealizado, com infinitas práticas e proposições, na integração entre obra-sociedade. Estar no entre, projetando o des-isolar de Mário Pedrosa, nesse impulso do vazio em realizar fora do espaço-comum, na caminhada exploratória. Penso no meu movimento estático, mas ainda vivo, pela explícita paralisação do tempo proveniente do registro fotográfico, ou ainda mais, o desacelerar do caos suficientemente para extrair dele uma performance, um controle instantâneo que culmina em encontro da arte-política.

Como artista em passagem-busca, o princípio acontece do que transcorrerá e transpassará, estar entre o planejado e o impensado, o mundo-possível e a realidade, o se fixar e o andar, registrar e memorizar, com a linguagem plurissensorial da encruzilhada da arte atual - faço notar aqui que o meu processo artístico é sem rumo como consequência desse estado da arte - e perceber a mudança como a única permanência, dou voz e olhos para a terra descoberta. Pedrosa equipara esses artistas aos do período Paleolítico, que foi constantemente excitado pelo seu mundo-ambiente e ser ele o artista-caçador para buscar suas principais fontes. Na contemporaneidade a abertura é mais extensa, e por isso o foco é plurissensorial, uma caçada infundável de captar pelo vazio o que de delimita. A defesa de Pedrosa fica ao artista que vai além da massa crítica do senso-comum e não se detém ao interessante, que salta no abismo e dá o primeiro passo num caminho qualquer, a fim de alargar o campo artístico, que eu



vejo aqui como propiciar a troca, acompanhando as mutações do próprio humano de corações transplantados, essa escultura expandida.

O alargamento desse campo pela fotografia como interferência não permanente num espaço específico de demarcação, e a própria demarcação como fonte de estudo e conectividade além propiciado apenas pelo encontro. Essa conjunção de oposições gestante do campo ampliado, em que a própria escultura não se basta, encontrando nos locais demarcados a consequente manipulação física como maneira de entender o processo artístico. A obra *Line made by walking* de Richard Long, contempla a fotografia e a caminhada como encontros de formação do símbolo da passagem. Entre suas caronas, o artista parou em uma relva e andou com a intenção de demarcar seu trajeto, fotografando-o como forma de registrar sua interferência física no ambiente, mesmo não mostrando seu corpo. O caminhar quando se caminha já é um ato morto, e Long usa da fotografia para representar essa intervenção relativa e impermanente no espaço, assim como a minha série de fotoperformance “Mundo-Solidão” mostradas nas Figuras 1, 2 e 3.

Verso então na performance-como-pesquisa, uma epistemologia da prática<sup>6</sup>, nesse questionar dos saberes que desenvolvi e que incorporo para teorizar a ação. Além do registro do viajante-passante que se propôs a explorar novos cenários e estar gerenciando seu olhar como interlocutor de mundos, que se coloca entre a vida fixa e volátil, se percebendo como sujeito entre temporalidades, trazendo a solidão como capacidade em escolha para emancipação. Nesse caso, performar em meio, na natureza em contágio direto com os quatro elementos concebendo minha pequenez e infinitude ao me conectar da grandeza dos desertos em passagem, abro minha investigação um organismo maior. Do campo expandido, sou miolo expandido. A troca de solidões e o cultivo solidário, que por Stengers é dito como humano-não-humano, por implicar decisões políticas, na qual desdobramos nossa temporalidade para as delas quando cuidamos e as vemos crescer. Do tensionamento do fazer-viajar sozinha e me colocar em imensificação de Bachelard junto ao lugar de Krauss, me camufla no manto para me misturar à terra como proteção.

### O meio, manto e pele

O encontro acontece ao entender a paisagem como viva, reconhecendo assim o planeta como um ser-organismo com regime de atividades próprias denominado Gaia ou terra-viva por Lovelock e Lynn Margulis ainda no século XX, aquela que não nos pede nada e que fazemos uma intrusão unilateral. Nós nos imensificamos dela, não ela de nós. Stengers olha com atenção e germina: “teremos que responder incessantemente pelo que fazemos diante desse ser(...)” (STENGERS, 2014, p. 41). Somos da mesma raiz, mas das secundárias. Podemos ser cortados e a planta continuará viva. Por isso, fazer as pazes com nossos primórdios, a vastidão da nossa

<sup>6</sup> Alinho o pensamento de Anette Arlander com Performance as Research e o conceito de Epistemologia contemporânea aplicada à arte como ciência.

ancestralidade. Compreender que o permanecer não é do que devo fugir, já que é consequência do espaço geográfico como fundador da noção de solidariedade. “Esta perspectiva de valorização da dimensão espacial da solidariedade social equivale a buscar na dimensão abstrata do mundo, espaços de solidariedade concretos e reais no lugar” (ALVES, C.; ALVES, M. p. 7), sendo que o desatar é pela não partilha e afastamento de um solo que é de todos. O mover que promove tanto a destruição quanto a reformulação pelo choque, inicia sua jornada no organismo maior: Gaia, Mãe-Terra ou Pachamama, como provedora. Mas tanto o papel da Terra quanto o papel da Mãe-Mulher não é tudo dar, mas um ser dotado de processos próprios, podemos fazer os enxertos e reequilibrar uma balança descompensada do histórico de ideal de poder humano-homem.

Haraway indica a liderança das feministas tanto na imaginação quanto na teoria e ação para desfazer ambos os laços de genealogia/parentesco e parentes/espécies. A geração de força do coletivo, das bruxas, da alquimia, sendo que falar de todas esses signos já é destrinchar uma estrutura arcaica da sociedade na qual nos sustentamos. Peço carona na estrada, faço fogueiras e performo em terras desertificadas como modo de encontro interno e externo, um ser em suspensão que em determinada vertente se torna uma ruptura feita em pingos, um grito que encontrou seu eco político. Somos artistas-cientistas, da ciência para amadores que Stengers reflete ao corporificar a essência do questionamento do ato de pesquisar, no qual o pensamento não é pensar sobre as consequências, mas sim no mundo onde essas consequências vão ocorrer. No experimentalismo o interessante é o fato de que não se pode apagar a distinção entre o sujeito e o que se pode tornar um objeto, já que o questionamento a ser feito é sobre a própria pergunta relevante, construindo-se o vínculo. Não é o resultado, não é o ponto de partida, é a própria criação na pergunta que faz a ponte, o intercessor que Deleuze clamaria. É o que há de novo no mundo. É quando eu me cubro e des-cubro no deserto, depois de caminhar e antes de fotografar. É o diálogo poético, que faz exaltar a importância do fabricar e elaborar as condições.

Essa relação, a passagem, encontro, entre e vínculo se manifesta agora no cultivo do meu próprio manto, visto nas Figuras 4 e 5. Um manto-vivo que me elucida o laço com os primeiros artesãos dos conjuntos de relações de Gaia, os microorganismos. Aqueles que não estão ameaçados diante da espécie humana, por serem os gestantes primeiros da vida, tornando nossa história ínfima, apenas aprendizes. Me coloco na intenção de fazer parentes<sup>7</sup>, quando Haraway abre as bordas e difere a entidade ligada à genealogia de ancestralidade. Ancestral é a poeira cósmica que todos somos, os estranhos que buscaram refúgios e portanto, todo contato no meu mover, seja terra ou humano, fogo ou animal, foi um vínculo. E na fabricação desse manto-vivo pela fermentação da colônia-mãe chamada SCOBY<sup>8</sup>, observo entendendo meu limite em mortalidade. A

<sup>7</sup> Donna Haraway em Antropoceno, Capitaloceno, Plantatioceno, Chthuluceno: fazendo parentes alia o pensamento de parentes não são familiares, são estranhos, assombrosos e ativos, a forma que possibilita de estendermos nossos laços.

<sup>8</sup> A kombucha é uma bebida consumida em todo o mundo obtida a partir da fermentação de infusão de folhas de chá por um consórcio simbiótico de bactérias e leveduras. Esta bebida é apresentada duas frações: uma parte líquida levemente ácida e uma película celulósica que flutua à sua superfície (Jayabalan et al., 2014). A origem desta popular bebida remonta ao ano de 220 a. C, na região da Manchúria (China), onde era extremamente valorizada pelas suas supostas propriedades energizantes e desintoxicantes. (Kallel et al., 2012).





colônia, bactérias que foram e são os maiores terraformadores e reformadores planetários, cresce por se alimentar de açúcar e cafeína, os quais eu forneço. Mas esses microorganismos crescem pela troca entre eles e pela troca com o espaço, uma performance sensível, “para significar afirmá-la, escutá-la, dando-lhe atenção” (Elisabeth Grozs, 1984, p. 87-93). Uma presença da própria terra que se manifesta em similaridade com uma pele.

Essa fibra cresce do tamanho do recipiente cultivado e o manto úmido moldável nutrido por sua água probiótica, seca ao ser retirado. Morre. Seria o equilíbrio procurado pelo indivíduo social? Cultivar este tecido vivo, habitar e moldar sua morte tornando ele uma superfície de representação performática, ou suporte para projeção e impressão de fotografias da performance enquanto manto ainda em troca, testa as temporalidades de massa humana e espaço. Entender que estou na situação apenas de observadores desses seres e que compartilhamos do mesmo manto num processo artístico e político.

O próprio tecido vivo é deserto imenso dos microorganismos presentes e reproduz a imagética do encontro como ativador da expansão do universo caótico. Eles mesmo criam seu território em febre, em fermentação, que geram odor avinagrado mostrando também, pelo cheiro, sua ação. Assim como a terra e seus gêiseres de enxofre. O odor característico do processo de desintegração, da aproximação da morte, no qual os fungos e bactérias são colonizadores em um terreno de troca, paz e guerra, como nós. Essa mesma colônia que produz um chá probiótico, também está em nós, no fundo dos nossos corpos. Seria então esse procedimento da melhoria aliado ao processo da consciência da mortalidade. Um acesso ao sublime. Performar com o manto-vivo é territorializar seu tecido. Mas eles também me modificam. Eu os colonizo, eles me fagocitam, como esse manto me questiona? Investigar como participo de seu caos, nesse desejo de me vincular à intensidade e experiência una do cosmos, na arte como produtora de sensações e não representações, num balanço de recuos e avanços necessários de passar pelo entre.



Figura1: Fotoperformance “Mundo-Solidão”, Deserto do Atacama (2017).

Fonte: Arquivo da autora.



Figura 2: Fotoperformance “Mundo-Solidão”, Reserva Nacional de Paracas, Peru (2017).  
Fonte: Arquivo da autora.



Figura 3: Fotoperformance “Mundo-Solidão”, Ribeirão Preto-SP (2017).  
Fonte: Arquivo da autora.



Figura 4: OpenLab Hiperôrganicos 8, Museu do Amanhã-RJ com “Retalhos Fermentados” (2018).  
Fonte: Arquivo da autora.



Figura 5: Fotoperformance “Penetrar por contato” (2018).  
Fonte: Arquivo da autora.

## Referências

ALVES, Márcia. Por uma poética do pertencimento. **Observatório Geográfico de America Latina**.

Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/85.pdf>> Acesso em 05/08/2018.

ARLANDER, Annette. Performing Landscape - Notes on Site-specific Work and Artistic Research (Texts 2001-2011). **Acta Scenic 28**. Theatre Academy Helsinki. 2012.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. [L'air et les songes, tradução de Antonio de Pádua Danesi] 2.ed. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BALZAC, Honoré. **Tratados da Vida Moderna**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CARVALHO, Sara Patrícia Ferreira. **Desenvolvimento de vinágres a partir de chás e infusões**. Lisboa, 2016.

CAUQUELIN, Anne. **No ângulo dos mundos possíveis**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CAGE, John. 1959, Lecture on something. In: **Silence**, p.135.

**COSMOS**: A Spacetime Odyssey, primeira temporada, ep.4, A Sky Full of Ghosts. Criação Ann Druyan e Steven Soter. Media Rights Fox; National Geographic Channel, 2014. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 20 jan. 2018.

COSTA, Lucas. Conversa com Nelson Felix. **Revista ARS**, São Paulo, Ano 12, n. 24, p.116-135, 2014.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. In: JAQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003c. p. 87-91.



DELEUZE & GUATTARI. “Como criar para si um corpo sem órgãos”. In: **Mil Platôs. Vol. 3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli. São Paulo: Ed. 34, 2008.

DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta**: e outros textos. Organização da edição brasileira Luiz Benedito Lacerda Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. (col. Estudos).

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREITAS, Alexandre Simão de. **Michel Foucault e o “cuidado de si”**: a invenção de formas de vida resistentes na educação p. 179.

HARAWAY, Donna. [Transcrição de depoimento] Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: staying with the trouble. In: **Anthropocene**: arts of living on a damaged planet. University of California, Santa Cruz, EUA, 2014. Disponível em <<http://opentranscripts.org/transcript/anthropocene-capitalocene-chthulucene/>> Acessado em 15/07/2018.

KRAUSS, Rosalind E. A escultura no campo ampliado, **Arte & Ensaios** n. 17 versão em pdf online, disponível em <[http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wpcontent/uploads/2012/01/ae17\\_Rosalind\\_Krauss.pdf](http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wpcontent/uploads/2012/01/ae17_Rosalind_Krauss.pdf)> Acessado em 06/08/2018.

MACIEL, Adriana. Trégua de Vidro. **Revista Arte & Ensaios**. Rio de Janeiro, n.31. P. 86-91, jun. 2016

OLIVEIRA, Ana Rosa de. Silêncio na paisagem: a obra de Richard Long. **Revista Vitruvius**, ano 02, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/802>> Acesso em 06/08/2018.

PEDROSA, Mário. **Mundo em crise, homem em crise, arte em crise**. 1967.

PINHEIRO Dias, J., VANZOLINI, M., SZTUTMAN, R., MARRAS, S., BORBA, M., & SCHAVELZON, S. (2016). Uma ciência triste é aquela em que não se dança. Conversações com Isabelle Stengers. **Revista De Antropologia**, 59(2), 155-186. <<https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2016.121937>> Acessado em 15/08/2018.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: CosacNaify, 2015.

VISCONTI, Jacopo. **Novas Derivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

## Minicurrículo

### Sofia Gentil Mussolin

Viajante-artista, formada em Cinema pela UFSCar, cursou Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra, atualmente mestranda na Escola de Belas Artes-UFRJ. Investiga pela deriva o limiar como processo no mundo contemporâneo criando fotoperformances e instalações. Participou do Hiperôrganicos 8 no Museu do Amanhã, expôs no CMAHO com a instalação “Embrião”, na Individual “MUNDO-SOLIDÃO” IFRN-Natal e MISS-Santos.